



## REVOLUÇÕES LEMBRADAS, REVOLUÇÕES SILENCIADAS: APAGAMENTOS E RETORNOS NA PRIMEIRA REPÚBLICA

Flavio da Rocha Benayon<sup>1</sup>

Em 3 de novembro de 1930, Getúlio Vargas chega ao poder federal como chefe do governo provisório da República, enunciando seu discurso de posse e inaugurando o período que ficou institucionalmente conhecido como o fim da República Velha. Uma série de eventos concorreu para a possibilidade da reconfiguração do poder federal. Em março do mesmo ano, houve as eleições presidenciais no Brasil, na qual disputaram o candidato da Aliança Liberal, Vargas, e o candidato oficial, Júlio Prestes, apoiado pelo presidente da época, Washington Luís. Este era membro do Partido Republicano Paulista (PRP), assim como seu candidato. O apoio oferecido a Júlio Prestes implicava na quebra da política do café com leite, que consistia na alternância do assento oficial entre mineiros e paulistas. Essa ruptura abriu espaço para a formação da coligação entre políticos de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba: a Aliança Liberal. Nas eleições de 1930, Vargas perdeu para o candidato oficial, contudo não sem atualizar a longa memória da fraude eleitoral que teria favorecido o escolhido de Washington Luís. Considerando esse cenário, não demoraria para que o *movimento revolucionário* ganhasse contorno e saísse do sul do país até o Rio de Janeiro para depor o presidente paulista. Antes que isso pudesse acontecer, em outubro, uma junta de militares depôs o político do PRP e o prendeu no Forte de Copacabana, assumindo o poder, contudo, cerca de dez dias depois, a presidência foi passada a Vargas. Nessas condições complexas, o chefe do governo provisório enuncia:

**SD1:** “O movimento revolucionário, iniciado vitoriosamente a 3 de outubro, no sul, centro e norte do país, e triunfante a 24, nesta capital, foi a afirmação mais positiva, que até hoje tivemos, da nossa existência, como nacionalidade. Em toda nossa história política, não há, sob esse aspecto, acontecimento semelhante. Ele é, efetivamente, a expressão viva e palpitante da vontade do povo brasileiro, afinal senhor de seus destinos e supremo árbitro de suas finalidades coletivas.” (Vargas, 1930)

Inúmeros são os funcionamentos que produzem homogeneizações na sequência acima. Em “tivemos”, “nossa existência” e “nossa história política”, há o efeito de unidade entre o enunciador e o povo, e, ao somar-se “vontade do povo brasileiro”, há também a produção de um imaginário de povo sem que haja espaço para as divisões que constituem a formação social. Esses efeitos de unidade do povo e tomada de sua voz pelo porta-voz significam o *movimento revolucionário*, contribuindo para o processo que lhe produz legitimidade. No recorte “O movimento revolucionário, iniciado vitoriosamente a 3 de outubro, no sul, centro e norte do país, e triunfante a 24, nesta capital, foi a afirmação mais positiva, que até hoje tivemos, da nossa existência, como nacionalidade”, o *movimento revolucionário* é significado como “afirmação mais positiva, que até hoje tivemos, da nossa existência, como nacionalidade”. Esse trecho opera importantes silenciamentos.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Linguística, UNICAMP. E-mail: benayon@globomail.com



Courtine propõe o funcionamento de um domínio de memória subjacente à sequência discursiva de referência (sdr), de forma que esse domínio:

É constituído por um conjunto de sequências discursivas que preexistem à sdr, no sentido em que algumas formulações determináveis na sequencialização intradiscursiva que a sdr realiza (que nomearemos 'formulações de referência') entram com formulações que aparecem nas sequências discursivas do domínio de memória, em redes de formulações a partir das quais serão analisados os efeitos que a enunciação de uma sdr determinada produz no interior de um processo discursivo (efeitos de lembranças, de redefinição, de transformação, mas também efeitos de esquecimento, de ruptura, de denegação do já dito). (COURTINE, 2014, p.111- 112).

Ao considerar a formulação de Courtine e a designação *movimento revolucionário* significada como “afirmação mais positiva, que até hoje tivemos, da nossa existência, como nacionalidade”, me pergunto sobre o domínio de memória que constitui *revolução* em SD1, implicando em retornos na enunciação de Vargas. A partir daí, formulo a seguinte questão de ancoragem: que outros movimentos foram possíveis, possibilitando outros sentidos de *revolução*?

Em 1º de março de 1922, aconteceram as eleições presidenciais no Brasil, cujos candidatos foram Artur Bernardes, pelo Partido Republicano Mineiro (PRM), perpetuando a política do café com leite, e Nilo Peçanha, pela Reação Republicana. A Reação Republicana era uma coligação composta por Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia que se opunha à política de alternância executada por mineiros e paulistas. Bernardes saiu vitorioso do pleito, porém não sem ser acusado de ter ganhado por conta de fraude eleitoral. Pouco tempo depois, formou-se o que ficou conhecido na história institucional como movimento tenentista, protestando contra a posse do candidato do PRM. Um de seus levantes mais expressivos foi designado de Levante do Forte de Copacabana, no qual grande parte dos tenentistas levantados foram mortos e alguns outros foram presos. Recorto, abaixo, uma sequência de um texto constituído nesse episódio:

**SD2:** Comunico-vos, de ordem do governo da República, que não é possível conceder aos elementos do Exército nacional que se encontram revoltados no Forte de Copacabana, e sob vosso comando, o armistício que foi solicitado por intermédio do capitão Renato Aleixo. (Relatório do Coronel João Nepomuceno da Costa, 1922)

Na sequência acima, é possível ler o recorte “que se encontram revoltados no Forte de Copacabana” produzindo sentidos para “elementos do Exército nacional” por meio de uma relativa determinativa. Esse gesto possibilita analisar a produção de uma divisão na instituição militar, pois haveria os *elementos do Exército nacional* revoltados no Forte e aqueles que estão a serviço do governo. Na ocasião do episódio em Copacabana, soldados governistas atacaram os tenentistas, de forma que a divisão no interior do exército produzia efeitos. Essa rápida leitura permite afirmar que os sentidos mobilizados por *revoltados* possibilita a produção de uma divisão no aparelho militar, abrindo espaço para a constituição dos tenentistas.

Um dos tenentistas feito prisioneiro foi Eduardo Gomes, que foi interrogado pelo general Tasso Fragoso, um dos membros da Junta Militar que, em 1930, deporia Washington Luís. Em um recorte desse interrogatório comparece:



**SD3:** Perguntado se foi convidado por alguém para a rebelião ou se assinou algum compromisso, respondeu negativamente. Perguntado se sabia que outras unidades acompanhavam o Forte, respondeu ter acreditado que o movimento fosse geral. [...] Perguntado se lhe constou que o mal. Hermes seria o chefe do movimento revolucionário, respondeu que o supunha naturalmente indicado para isso, mas ignorava se ele assumiu algum compromisso. (Interrogatório do Tenente Eduardo Gomes, 1922)

Em SD3, o episódio é designado como *rebelião* e *movimento*. A designação *movimento* apresenta uma indeterminação que, levando em conta o processo discursivo de produção de sentidos, poderia ser determinada parafrasticamente por *rebelião*, assim, teríamos *movimento rebelde*. Na sequência, comparece outra possibilidade de significar o episódio, na predicação que qualifica “mal. Hermes”, no caso, *movimento revolucionário*. Assim, o levante é produzido como *rebelião*, *movimento*, *movimento revolucionário* e parafrasticamente como *movimento rebelde*. Além disso, então, em 1922, especificamente em SD2, a divisão cravada no seio do militarismo também circulou como um sentido possível para esse *movimento revolucionário*.

Os primeiros levantes tenentistas foram reprimidos, como afirmei anteriormente, porém a rede de sentidos aberta não faleceu. Em 1924, houve o levante dos tenentistas paulistas e, no mesmo ano, mas em outro período, também houve o levante dos tenentistas no Rio Grande do Sul. Do encontro de ambos, formou-se o que ficou conhecida em muitos livros de história como Coluna Prestes, que perdurou até 1927. Desse evento, recorro uma sequência:

**SD4:** E o povo pode ficar certo de que os soldados revolucionários não enrolarão a bandeira da liberdade enquanto se não modificar esse ambiente de despotismo e intolerância que asfixia, num delírio de opressão, os melhores anseios da consciência nacional! (COSTAS, PRESTES, TÁVORA, 1925)

Na sequência acima, *povo* e *consciência nacional* produzem um imaginário de unidade que apaga as contradições constitutivas da formação social brasileira. Esse funcionamento mobiliza legitimidade sobre a existência de *soldados revolucionários*, designação essa que atualiza a divisão operada no levante do Forte de Copacabana, em 1922, pois ao mesmo tempo em que *revolucionários* determina *soldados*, também produz uma indeterminação, pois haveria aqueles não determináveis por essa qualificação, possivelmente os soldados governistas. Em 1930, parte dos tenentistas foi aliada da Aliança Liberal na constituição do *movimento revolucionário* cujo porta-voz foi Vargas. Apesar da breve análise, é possível afirmar que os sentidos de *revolução* que circularam em 1930 implicaram no retorno de condições, efeitos e significações que circulam, ao menos, desde 1922.

Questões como a fraude eleitoral, o imaginário de instabilidade econômica, a tentativa de quebra da política do café com leite e a formação de coligações retornaram e contribuíram para o processo de produção de sentidos de *revolução*. Em algumas sequências, há a divisão no interior da instituição militar, em outras, isso fica apagado, produzindo um efeito de unidade, como em recortes de 1924 e de 1930. Apesar das retomadas e rupturas implicadas, sentidos e práticas mobilizados por *revolução* retornam desde 1922, em diferentes episódios. A sequência constituída a partir da posição



de sujeito na qual Vargas enuncia produz um apagamento sobre todo um percurso que *revolução* significou desde 1922 e que possibilitou, de forma inesperada, a ascensão do candidato da Aliança Liberal.

## REFERÊNCIAS

COSTA, Miguel, PRESTES, Carlos, TÁVORA, Juarez. Manifesto da Coluna Prestes – Proclamação em Porto Nacional (19 de outubro de 1925). In.: BONAVIDES, Paulo, AMARAL, Roberto. Textos políticos da história do Brasil: Primeira República (1889-1930). 3ª ed. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCAR, 2014.

Interrogatório do Tenente Eduardo Gomes (12 de julho de 1922). In.: BONAVIDES, Paulo, AMARAL, Roberto. Textos políticos da história do Brasil: Primeira República (1889-1930). 3ª ed. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

Relatório do Coronel João Nepomuceno da Costa, Comandante das Forças de Ataque (julho de 1922). In.: BONAVIDES, Paulo, AMARAL, Roberto. Textos políticos da história do Brasil: Primeira República (1889-1930). 3ª ed. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

VARGAS, Getúlio. *Discurso pronunciado pelo Dr. Getúlio Vargas por ocasião de sua posse como chefe do governo provisório da República* (3 de novembro de 1930). Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/getulio-vargas/discursos/discursos-de-posse/discurso-de-posse-1930/view>>. Acesso em: 01 de agosto de 2017.